

### Estudo transversal para levantamento do perfil da proficiência na língua inglesa em estudantes universitários de medicina

#### Cross-sectional study to survey the profile of English language proficiency in medical students

 <https://doi.org/10.56238/sevedi76016v22023-043>

##### Patricia Ferraz do Amaral

Graduada em Letras - Licenciatura em Português e Inglês pela Faculdade São Miguel. Aluna de Especialização em Pesquisa Avançada pela Faculdade Alpha, Mestrado Internacional EAD pela Atenas College University  
E-mail: patriciaferraz70@gmail.com

##### Diógenes José Gusmão Coutinho

Prof. Dr. Graduado em Biologia pela UFRPE. Doutor em Biologia pela UFPE  
E-mail: alphadiogenes@gmail.com

#### RESUMO

Neste presente trabalho, entendemos que a globalização abre as portas para as oportunidades afora, precisamos entender que a língua inglesa está em evidência em várias áreas profissionais, e culturais, tornando-se a integração mundial e especialmente na área de saúde. E por esta razão, elaboramos um estudo transversal e objetivamos em avaliar a proficiência de inglês de 144 estudantes universitários de medicina e relacionar as variáveis associadas. Um questionário foi estruturado para obter informações sobre as variáveis relacionadas e selecionadas para este estudo. Uma análise de consistência dos dados junto com o Modelo Data Compare do Epi Info foram utilizadas e após isso inicialmente, foi realizada a análise univariada de Poisson, e as variáveis que apresentaram valores  $<0,20$  habilitaram-se a ingressar na análise multivariada de Poisson. Para fins estatísticos permaneceram no modelo final as variáveis que apresentaram valor  $p < 0,05$ . Os resultados mostram que as variáveis associadas com as quatro habilidades, que são: falar, compreender, ler e escrever revelaram variações inesperadas, como, o desinteresse ou a desnecessidade em aprender a língua inglesa durante o ensino escolar, as inexperiências e os desconhecimentos do inglês da maioria dos estudantes, e diante disto, concluímos que a proficiência da língua inglesa entre a minoria dos estudantes foi baseada em experiências pessoais enquanto a maioria apresentou uma grande

necessidade em desenvolver e aprender a língua inglesa em relação a aprimorar os conhecimentos técnicos nos estudos na área de medicina e para desempenhar melhor o papel como futuros médicos em poderem se comunicar mundialmente em inglês.

**Palavras-chave:** Aprendizagem, Língua inglesa, Proficiência

#### ABSTRACT

In this present work, we understand that globalization opens doors to opportunities and beyond, although, we need to understand that the English language is evident in several professional and cultural areas, becoming the worldwide integration and especially in the health area. For this reason, we developed a cross-sectional study and aimed to evaluate 144 medical students' English proficiency and relate the associated variables. A questionnaire was structured to obtain information about the related and selected variables for this study. A data consistency analysis along with the Epi Info Data Compare Model were used and initially afterwards, the univariate Poisson analysis was performed, and the variables that presented values  $<0.20$  were enabled to enter Poisson's multivariate analysis. For statistical purposes, the variables that presented  $p$  value  $<0.05$  remained in the final model. The results showed that the variables associated with the four skills, which are: speaking, listening, reading and writing revealed unexpected variations, such as the lack of interest or the insufficiency of learning English during schooling, and the inexperience and lack of knowledge in English in most students, based on all this, we conclude that the proficiency of the English language among the minority of the medical students was based on personal experiences while most medical students present a great necessity in developing and learning the English language in relation to improve their knowledge in the medical field of studies, improve their role as future physicians in being able to communicate in English world.

**Keywords:** English Language, Learning, Proficiency.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetivou em avaliar o grau de proficiência de inglês de estudantes universitários de medicina e relacionar as variáveis associadas na condição acadêmica como estudar livros em inglês, ler artigos científicos em inglês, ver vídeos científicos em inglês, participação em congressos ou eventos médicos e/ou estudiantis internacionais e o impacto dessas atividades na aquisição da segunda língua.

A globalização abre as portas para as oportunidades afora, precisamos entender que a língua inglesa está em evidência em várias áreas profissionais e culturais, tornando-se a integração mundial. Desta mesma forma, Rocha aponta sobre a globalização junto com o conhecimento da língua inglesa, sendo ambas consideradas importantes neste momento moderno.

“A crescente internacionalização dos mercados levou as nações a adotarem o Inglês como o idioma oficial do mundo dos negócios [...], dominar o Inglês se tornou sinônimo de sobrevivência e integração global. O aprendizado do Inglês abre as portas para o desenvolvimento pessoal, profissional e cultural.” (2011, p.01).

À vista disto, podemos entender que o inglês tornou-se a língua mais importante em aprender e por isso, beneficia nas interações sociais, nas habilidades linguísticas e cognitivas, no nosso âmbito profissional, acadêmico e social. E conseqüentemente, precisamos enfrentar os nossos obstáculos e começar a adquirir uma língua, que neste caso é o inglês, para podermos comunicar e sermos compreendidos em outros meios culturais. Segundo Malvezzi,

“[...] o aprendizado de outra língua facilita a compreensão do aluno com a relação a sua própria cultura, e ainda o faz conhecer e aprender a respeitar a cultura de outros países. O ato da comunicação é visto como um processo cultural. Língua, comunicação e cultura estão intimamente ligadas”. (2013, p.16297).

E para que temos a competência de sermos compreendidos e de comunicarmos na língua inglesa, precisaremos estudar e desenvolver as habilidades que são chamadas de, a fala, a escrita, o ouvir, e o ler. Estas habilidades, ou *skills*, como é chamada em inglês, são de extrema importância e primordial para podermos aprender e desenvolver a língua inglesa. De acordo com Brown, [...] *research and practice in English language teaching has identified the “four skills” - listening, speaking, reading and writing – as a paramount importance.*<sup>1</sup>(2007, p.284).

Pois ao desenvolver estas habilidades, acreditamos que conseguiremos aprender, trabalhar a desenvoltura e com a prática, poderemos obter o sucesso em sermos fluentes. E para chegarmos a este objetivo, sabemos que a língua inglesa é essencial em relação aos estudos, na vida pessoal e muito mais profissional. De acordo com os autores, Wildgrube *et al.*, acreditam que o inglês é fundamental na vida, mais ainda profissionalmente, por isso citam que, “O aprendizado do inglês deixou de ser diferencial e

---

<sup>1</sup> Pesquisa e a prática no ensino da língua inglesa identificarão que “as quatro habilidades” – ouvir, falar, ler e escrever, são primordialmente importantes.

passou a ser pré-requisito para se ter um maior contato com mercado estrangeiro. Dominar este idioma tornou-se fundamental para muitos profissionais em diferentes áreas de atuação”. (2008, p.03).

Mas, para adquirirmos a proficiência de uma língua estrangeira, neste caso o inglês, passamos e estamos passando por momentos relutantes e de indecisões em relação ao ensino de línguas estrangeiras nas escolas durante os ensinos básico, fundamental e médio. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a LDB, obtiveram varias mudanças no qual acreditamos que no final não houve grandes mudanças, porém, houve um retrocesso.

Observaremos um pouco estas mudanças que ocorreram na LDB. A LDB 9.394/96, no Art. 26§5º da Educação Básica (BRASIL, 1996) cita que, “Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, [...] e no Ensino Médio, a LDB no. 9394 do Art. 36. III. menciona que, “Será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, [...]”. (BRASIL, 1996) e, qual seria a língua estrangeira obrigatória para os ensinos fundamental e médio, afinal?

E, depois no mesmo Art. 26 §5º, a Redação pela Média Provisória no.746 de 2016 [menciona](#), “No currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a língua inglesa”, e neste mesmo artigo 26 §5º na Redação pela Lei no. 13.415 de 2017 utilizaram a mesma citação do ano anterior, o de 2016. Então vejamos, um ano mencionam que, a partir da quinta série é obrigatório ensinar pelo menos uma língua estrangeira e depois mencionam que, a língua inglesa é ofertada a partir da sexta série tornando estas leis contraditórias e confusas.

Agora, observem, no Art. 35-A§4º no ano de 1996 citava que,

“Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino”,

E este mesmo artigo 35-A§4º de 1996, esta incluindo na Lei no. 13.415 de 2017 na Base Nacional Comum Curricular, e pelo o que estamos entendendo, mais uma vez, as línguas estrangeiras, ou neste caso, a língua inglesa, encontra-se em uma indecisão constante durante estes anos todos, e pelo o que vimos, o ensino de línguas estrangeiras ou da língua inglesa, não obteve uma determinação ou mudança nos últimos 22 anos.

E com isso, podemos entender que os estudantes tiveram ensino da língua inglesa, porém, observamos que houve retrocessos e atrasos na aprendizagem. E isso pode ter acarretado negativamente na vida pessoal e profissional dos estudantes em geral, por não obterem uma aquisição adequada da língua inglesa.

Como podemos observar, a Instituto de Pesquisa Data Popular: Brasil em Perspectiva de 2013 junto com o *British Council* mencionam sobre a situação da proficiência da língua inglesa no Brasil que, “5,1% da população de 16 anos ou mais afirma possuir algum conhecimento do idioma inglês. [...] Entre os mais

jovens, de 18 a 24 anos, o percentual dos que afirmam falar inglês dobra, chegando a 10,3% das pessoas nesta faixa etária”. (2013, p.06), estes resultados representam valores muito baixos, justamente pelo o fato mencionado anteriormente sobre a LDB em relação ao ensino da língua inglesa.

Agora vejamos no caso dos estudantes universitários de medicina que tenham que obter uma proficiência adequada da língua inglesa, especialmente para estudar e futuramente atuarem na área de saúde. A área de saúde é uma área de grande demanda que exige muito dos estudantes e dos profissionais em lerem e publicarem artigos científicos em inglês, participarem em congressos e eventos internacionais, e entre outras demandas que vem desde a graduação até tornarem médicos profissionais. Assim, segundo Yu menciona que,

*“Apart from providing knowledge and enabling students to explore their various interests, one of the primary purpose of school education is to strengthen students’ readiness for the ever-changing world; i.e. preparing them to be proficient and knowledgeable workers upon entering the workforce<sup>2</sup>”.* (2013, p. 125).

Como podemos observar que na área de saúde, mais específico, a medicina, é uma área com muitas demandas e exigências para os estudantes antes e durante a conclusão dos estudos e depois como profissionais. Acreditamos que os estudantes durante o curso de medicina, consigam adquirir um pouco mais do conhecimento e da proficiência da língua inglesa e sejam capazes de alcançar os seus objetivos profissionais. As autoras, Santos e Santos mencionam sobre estes aspectos da proficiência da língua e a profissão,

*“[...] dominar o inglês é uma forma de potencializar o currículo profissional das pessoas, tendo em vista que é um idioma que possibilita a união dos povos das mais diferentes nacionalidades, [...] nada mais interessante do que ser capaz de promover a comunicação com os agentes envolvidos através da fluência da sua língua”.* (2008, p.04).

E por estes motivos e entre outros mais, tive o interesse em desenvolver este artigo atual, no qual durante pela a minha profissão, como professora de inglês, leciono aulas particulares por mais de 25 anos, que apesar de ter nascido no Brasil, mas morei nos Estados Unidos durante quinze anos da minha vida e a minha língua materna é o inglês, tive e tenho inúmeros alunos que aprenderam e estão aprendendo a língua inglesa, ainda encontram muitas dificuldades em obter a proficiência da língua inglesa. E por esta razão e pela minha grande preocupação, tentarei em contribuir e colaborar na melhor maneira em relação à aquisição e a aprendizagem da língua inglesa.

Através das minhas pesquisas entre incalculáveis buscas em literaturas e revisões bibliográficas, livros, artigos, publicações científicas, dissertações, periódicos, entre outros, tanto em níveis nacionais e internacionais, muito pouco sobre o tema deste artigo foram encontrados. E assim, aprofundaremos e

---

<sup>2</sup> Aparte de fornecer conhecimentos e possibilitando os estudantes em explorarem seus diversos interesses, um dos propósitos primários de uma educação escolar é para fortalecer a brevidade dos estudantes num mundo de constante mudança; e.g prepará-los em serem proficiente e trabalhadores experientes quando entrarem para trabalharem.

tentaremos em ajudar e colaborar com estes estudantes universitários de medicina e entre outros estudantes de outras áreas em adquirirem o conhecimento e poderem aprender a língua inglesa para alcançarem os seus propósitos.

No que concerne, este presente artigo objetivou em avaliar o levantamento do perfil da proficiência na língua inglesa dos estudantes universitários de medicina e relacionar as habilidades com as variáveis associadas. E de acordo com Gil,

“O que geralmente o pesquisador busca é o estabelecimento de relações assimétricas entre as variáveis. As relações assimétricas indicam que os fenômenos não são independentes entre si (relações simétricas) e não se relacionam mutuamente (relações recíprocas), mas que um exerce influência sobre o outro”. (2002, p.33).

Contudo, tentaremos avaliar o grau de proficiência da língua inglesa que possa relacionar estratégias de ensino e aprendizagem da língua durante a graduação do curso de medicina para os estudantes e desta forma, poderemos exercer uma formação discente mais qualificada.

## **2 METODOLOGIA**

### **Tipo do estudo**

Este é um estudo tipo corte transversal com componente analítico, as aferições foram realizadas em um único ponto no tempo para cada participante do estudo e as informações coletadas foram durante o período entre os meses de março a junho de 2017. (HULLEY, 2003).

### **Local do estudo**

O estudo foi realizado na Faculdade Pernambucana de Saúde localizada em Recife, no estado de Pernambuco, foi fundada em 2005 e trabalha com metodologia ativa de ensino aprendizagem utilizando a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP). O curso de Medicina apresenta em média 132 estudantes por ano, divididos em cada período em duas turmas com cerca de 70 estudantes cada. Cada período é composto por quatro módulos com um total de 34 casos problema.

### **População do estudo**

A população do estudo era para ser composta de 132 estudantes, mas no final, obtivemos um numero acima do que esperávamos, coletamos dados de 144 estudantes da Faculdade de Medicina em Recife do 1º, 3º, 5º e 7º períodos.

### **Amostra / Amostragem**

Levando-se em consideração estes dados, um total de 528 estudantes (132 por período nos quatro períodos que se pretende avaliar durante os quatro primeiros anos do curso médico) e considerando um nível de confiança de 95,0% encontra-se o número de 110, sendo 33 estudantes em cada período.

Acrescentando-se mais 20,0% por prováveis perdas obteve-se o número final de 132 estudantes em cada período. Em relação à amostragem, foi realizada uma seleção aleatória ou randômica dos estudantes: foi elaborada uma lista com os números de matrícula dos estudantes e a partir da geração de uma tabela de números aleatórios, foi realizado o sorteio para a inclusão dos potenciais estudantes, utilizando-se o programa Ri386 3.2.4.

### **Critérios de seleção**

#### **Critérios de inclusão**

##### **Estudante:**

- Ser estudante da Faculdade de Medicina em Recife participando dos módulos dos 1º, 3º, 5º e 7º períodos de 2017;

#### **Critérios de exclusão**

- Licença Médica ou não compareceram durante o período de coleta dos dados.

### **Definição e operacionalização de termos e variáveis**

**Idade:** variável numérica contínua expressa em anos desde o nascimento até o momento da coleta de dados informada pelo participante. Poderá ser estratificada posteriormente para a análise.

**Sexo:** variável nominal categórica dicotômica, definida pelo conjunto de características físicas e funcionais que diferenciam o homem da mulher, segundo a informação do participante no momento da coleta dos dados. Categorizada para a análise em 1. Masculino e 2. Feminino.

**Renda per capita:** variável numérica contínua expressa em reais, calculada dividindo-se o valor total dos rendimentos da família pelo número dos habitantes no domicílio. Poderá ser categorizada posteriormente para fins de análise;

**Escolaridade dos pais:** variável nominal categórica policotômica, definida pelo nível de escolaridade, categorizada para análise em: 1. Nível fundamental incompleto, 2. Nível fundamental completo, 3. Nível médio incompleto, 4. Nível médio completo, 5. Nível superior incompleto, 6. Nível superior completo; 7. Pós-graduação

**Estado civil:** variável categórica nominal policotômica. Categorizada para análise em: 1. Solteiro, 2. Casado, 3. Divorciado, 4. Viúvo e 5. União estável

**Profissão dos pais:** variável nominal definida pela profissão exercida pelos pais no momento da coleta dos dados. Se possível, será posteriormente categorizada em grupos.

**Nacionalidade dos pais:** variável nominal definida pelo local de nascimento dos pais. Se possível, será posteriormente categorizada em grupos.

**Nacionalidade do participante do estudo:** variável nominal definida pelo local de nascimento do participante. Se possível, será posteriormente categorizada em grupos.

**Aulas de inglês no ensino fundamental:** variável nominal categórica dicotômica, definida pela presença de aulas de inglês durante o ensino fundamental. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não;

**Aulas de inglês no ensino médio:** variável nominal categórica dicotômica, definida pela presença de aulas de inglês durante o ensino médio. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não;

**Cursos de inglês fora do currículo escolar (anos?):** variável nominal categórica dicotômica, definida pela presença de cursos de inglês fora da escola. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não. Poderá também ser tratada como variável numérica contínua para os que responderem sim;

**Curso de inglês durante a graduação:** variável nominal categórica dicotômica, definida pela presença de curso de inglês durante a graduação. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não.

**Intercâmbio em país de língua inglesa:** variável nominal categórica dicotômica, definida pela presença de intercâmbio em país de língua inglesa. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não.

**Moradia em país de língua inglesa:** variável nominal categórica dicotômica, definida pela moradia em país de língua inglesa. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não.

**Estudo em livros científicos em inglês:** variável nominal categórica dicotômica, definida pelo estudo em livros científicos em inglês. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não.

**Leitura de artigos científicos em inglês:** variável nominal categórica dicotômica, definida pela leitura de artigos científicos em inglês. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não.

**Assistir vídeos científicos em inglês:** variável nominal categórica dicotômica, definida por assistir vídeos científicos em inglês. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não.

**Participação em congressos internacionais:** variável nominal categórica dicotômica, definida pela participação em congressos internacionais. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não.

**Publicação de artigos na língua inglesa:** variável nominal categórica dicotômica caracterizada pela publicação de artigos na língua inglesa. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não

**Utilização da língua inglesa para lazer:** variável nominal categórica dicotômica caracterizada pela utilização da língua inglesa para lazer: filmes, música, leitura, eventos, redes sociais e viagens. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não

**Autodeclaração em relação à proficiência na língua inglesa:** variável nominal categórica dicotômica caracterizada pela capacidade de falar e/ou compreender e/ou escrever e/ou ler na língua inglesa. Categorizada para análise de cada subitem em 1. Sim e 2. Não.

### **Fluxograma da coleta de dados**

Na primeira instância, entramos em contato com o coordenador do curso de medicina de cada período para explicar sobre a realização do estudo e solicitou autorização para a coleta de dados. Depois de

ter entrado em contato com o coordenador do curso, foi realizado um contato prévio com os estudantes, explicando os objetivos da pesquisa e esclarecendo possíveis questionamentos. Após que os estudantes tiveram concordado em participar do estudo, lerem e esclareceram as dúvidas, assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), e por fim, foi aplicado o formulário aos estudantes para a caracterização do seu perfil sociodemográfico e a proficiência na língua inglesa.

### **Instrumento para a coleta dos dados**

Um formulário foi elaborado (Apêndice 1) para registrar os dados com base nas variáveis selecionadas para o estudo e contidas nos objetivos específicos para possibilitar o alcance dos objetivos propostos.

### **Processamento e análise dos dados**

Após coleta dos dados foi construído em dupla entrada um banco de dados utilizando-se o programa EPI Info 3.5.3. Para a análise de consistência dos dados foi utilizado o Módulo Data Compare do Epi Info. Foram obtidas medidas de tendência central e dispersão (medianas e seus quartis) para as variáveis contínuas e foi verificada a distribuição de frequência (percentual) para as variáveis categóricas.

Para identificar possíveis fatores associados à motivação intrínseca nos grupos tutoriais, considerou-se como categoria de referência aquela cujo desfecho (motivação intrínseca com escore médio >3) apresentou maior frequência. A partir daí realizou-se inicialmente a análise univariada de Poisson, e as variáveis que apresentaram valores < 0,20 (HOSMER; LEMESHOW; STURDIVANT, 2013), habilitaram-se a ingressar na análise multivariada de Poisson. Nesta etapa da análise, para fins estatísticos permaneceram no modelo final as variáveis que apresentaram valor  $p < 0,05$ .

### **Aspectos éticos**

A pesquisa obedeceu aos critérios éticos da Resolução 466 de Dezembro de 2012. Os estudantes que participaram da pesquisa mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 2 e 3) foram esclarecidos quanto à finalidade do estudo. O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade Pernambucana de Saúde soube o número do CAAE: 50785515.2.0000.5569

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os estudantes universitários de medicina representam o estudo, o conhecimento, e a produção do que aprendeu para colocar em prática, criando autonomia para consolidar os seus objetivos. E são estes estudantes de medicina que poderão alcançar estes objetivos e com a utilização da língua inglesa melhorarão ainda mais, porque com a língua inglesa, é a que transmite e adquire informações e exige o domínio para podermos interagir com o mundo.

Contudo, podemos observar que a língua inglesa vem ocupando esse lugar como língua oficial para a integração global, exigindo dos aprendizes, neste caso, os estudantes de medicina, e, sobretudo, destes futuros profissionais, a busca pelo domínio da língua. Como Holden cita, “O inglês talvez seja o principal exemplo de uma língua global. É usado para transmitir informações em áreas como a ciência e tecnologia, nas artes e no mundo do trabalho.” (2009. p.13).

Vejamos que na Tabela 1, os 144 estudantes universitários de medicina que foram identificados, 73,6% eram do sexo feminino, a idade variou entre 17 a 35 anos, com a mediana de 22 anos (IQR= 20 a 24 anos) e 93,8% eram solteiros.

Tabela 1. Distribuição de frequência dos estudantes participantes do estudo segundo o sexo e estado civil. Recife, março a junho 2017.

Variáveis	Amostra=144	n (%)	IC95%
<b>Sexo</b>			
Feminino		106 (73,6)	(65,6-0,6)
Masculino		38 (26,4)	(19,3-4,3)
<b>Estado civil</b>			
Solteiro		135 (93,8)	(88,4-7,1)
Casado		06 (4,2)	(1,5-8,8)
Divorciado		01 (0,7)	(0,01-3,8)
União estável		02 (1,4)	(0,01-4,9)

Fonte: dados da pesquisa de campo. (n=valor absoluto; IC=intervalo de confiança)

Quanto à condição sociodemográfica dos estudantes, a renda familiar variou entre R\$850,00 a R\$50.000,00, com mediana de R\$10.000,00 (IQR= R\$5.000,00 a R\$18.000,00).

No que concerne à escolaridade, 21,4% dos pais apresentavam ensino médio, 29,0% nível superior e 28,2% pós-graduação, enquanto 10,7% tinham o mestrado. Já quanto à escolaridade das mães, apresentavam 15,9% no ensino médio, 37,9% apresentavam nível superior, 29,5% pós-graduação, 11,4% mestrado e 4,5% doutorado.

No que diz respeito à profissão dos pais, o maior percentual observado foi de médicos (16,9%), e, em seguida engenheiros (11,5%) e comerciantes (8,5%). Quanto às mães, o maior percentual foi de professoras (13,5%), e em seguida médicas (12,0%), sendo 7,5% do lar.

No tocante à nacionalidade das mães e dos pais dos estudantes, a maioria era brasileira (100% e 98,6%, respectivamente), com exceção de um dos pais que era italiano (0,7%) e outro português (0,7%). A maioria dos estudantes era de nacionalidade brasileira (99,3%) com exceção de um estudante que era italiano (0,7%).

Mas podemos verificar que a maioria dos estudantes referiu-se ter inglês durante o curso fundamental e no ensino médio (95,1% para ambos), enquanto que a maioria, 77,8%, referiu ter aulas de inglês fora do currículo escolar.

Em relação aos resultados acima sobre o inglês durante os estudos, demonstra que a língua inglesa esta presente no período do ensino escolar, o fundamental ao médio, dos estudantes, porém, constatamos

que a maioria tiveram aulas de inglês fora do currículo escolar. Observar que nas escolas podem ter tido um déficit no ensino da língua inglesa, e por esta razão os estudantes frequentaram mais os cursos de inglês, no qual veremos agora o que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação tem a mencionar a este respeito.

Como podemos observar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a LDB n. 9.394/96, no Art.26 § 5 da Educação Básica cita que, “Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição”. (BRASIL, 1996), enquanto no Ensino Médio, a LDB no. 9394 do Art. 36. III. cita que, “Será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição”. (BRASIL, 1996).

Conforme analisamos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação não conseguiram mudar este contexto de ensino de línguas estrangeiras, como podemos ver eram obrigatório incluir pelo menos uma língua estrangeira, tanto no ensino básico como no ensino médio, mas não menciona qual língua estrangeira seria lecionada e nem a segunda optativa.

Mas agora vejamos o que a LDB 9394 da Educação Básica do Art. 24§ IV cita depois de tanto ensino de línguas estrangeiras “obrigatórias” que, “Poderão organizar-se classes ou turmas, com alunos de séries distintas, com níveis equivalentes de adiantamento na matéria, para o ensino de língua estrangeiras, artes, ou outros componentes curriculares”. (BRASIL, 1996), e como podemos observar, o ensino de línguas estrangeiras parece não ter muito valor para ensino ou seria falta de interesse mesmo?

E depois no mesmo Art. 26 [§5º](#) que foi dada a Redação pela Média Provisória no. 746 de 2016 [menciona que](#), “No currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a língua inglesa”, e que neste mesmo artigo 26 [§5º](#) foi dada como uma Redação pela Lei no. 13.415 de 2017 com a mesma citação de 2016, mas vejamos que estas leis tornam-se contraditória, porque antes, a partir da quinta série era obrigatório o ensino de pelo menos uma língua estrangeira e agora a língua inglesa é ofertada a partir da sexta série.

Pelo o que estamos entendendo, mais uma vez, como no passado, as línguas estrangeiras, ou neste caso, a língua inglesa, existe uma indecisão constante e durante estes anos todos o ensino de língua estrangeiras nos leva a pensar que o sistema de ensino não se interessa em ensinar línguas estrangeiras, ou talvez seja que, as línguas estrangeiras não são mais necessárias para a aprendizagem?

Agora, vejamos que no Art. 35-A§4º no ano de 1996 citava que,

“Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino”,

Observem que este mesmo artigo 35-A§4º foi incluindo na Lei no. 13.415 de 2017 na Base Nacional Comum Curricular, e com isso, analisamos que no total, o ensino de línguas estrangeiras não teve determinação ou mudança alguma nos últimos 22 anos.

Por esta razão, se tivéssemos o ensino de línguas estrangeiras, o inglês e o espanhol, como temos o ensino da língua portuguesa, tornando estas línguas “obrigatoriamente” desde início do ensino básico, os aprendizes podiam estar apreciando mais as línguas estrangeiras, igual como a sua própria língua materna, o português, e poderiam adquirir uma grande desenvoltura de aprendizagem destas línguas estrangeiras.

E assim ainda podemos notar mais uma vez, que a língua inglesa continua sendo uma disciplina de pouca consideração nas escolas, especialmente no ensino básico e fundamental, pelo fato que a Lei 13.415 de 2017 aumentou mais um ano, da 5ª série para 6ª série, quando poderíamos aproveitar mais esta fase do ensino da língua inglesa desde o início do ensino básico, nas séries mais novas, para conseguirem uma aprendizagem de qualidade e formação de línguas estrangeiras naturalmente.

Enfatizamos esta colocação porque entendemos que as crianças tem capacidade em desenvolver com mais facilidade a comunicação e a aprendizagem de línguas, assim como, as idades iniciais. O domínio de línguas em crianças nesta fase se torna mais fácil no desenvolvimento e nas associações, imagine como seria com as línguas estrangeiras, bem mais fáceis para as crianças aprenderem.

Segundo Vygotsky, “[...] a criança domina simplesmente a estrutura externa do significado da palavra, assimila que cada objeto corresponde a sua própria palavra, domina a estrutura que pode unificar a palavra e o objeto, de forma que a palavra que identifica o objeto venha a ser propriedade do objeto”. (2000, p.175).

E também de acordo com as autoras Pereira e Peres em relação ao ensino de línguas estrangeiras para as crianças, citam que,

“Alguns estudiosos, como Penfield e Roberts (1959) e Lennenberg (1967), defendem a infância como o momento ideal para o início formal dos estudos de língua. Esse momento da vida, denominado como período crítico ou período sensível é, segundo os autores, considerado como o ideal para o desenvolvimento das habilidades cognitivas da criança”. (2011, p.41)

E também as mesmas autoras mencionam que,

“Ao considerarmos a relação entre idade e tempo curricular semanal de exposição à língua, temos que a criança que começar a estudar com sete anos de idade demorará pouco mais de dez anos para alcançar o nível intermediário, ou seja, ela provavelmente alcançará esse nível de conhecimento por volta dos dezessete anos”. (2011, p.42).

Por estas razões, podemos enfatizar que é extramente importante começar o ensino de línguas estrangeiras para as crianças logo no início da vida, para desenvolver, neste caso, uma língua estrangeira mais rapidamente e com espontaneidade.

Mas retornando aos estudantes universitários de medicina, acreditamos que o ensino da língua inglesa é essencial para que eles possam desenvolver em todos os aspectos, na vida pessoal e profissional.

Agora vejamos que, entre os estudantes, o inglês fora do currículo escolar foi um valor alto, porque entendemos que o ensino da língua inglesa dentro das escolas do ensino fundamental e médio provavelmente não era o suficiente para o desenvolvimento na aprendizagem que eles buscavam.

E assim, os estudantes recorreram e recorrem aos cursos de inglês para poderem adquirir um pouco mais da aprendizagem, mas isso também é preocupante, porque segundo Malvezzi, ela menciona justamente isso, “a sociedade brasileira ainda é corrente a ideia de que o domínio de uma segunda língua só se concretiza por meio de cursos particulares de idiomas”. (2013, p.16288).

Por isso, entendemos que precisamos desenvolver uma melhoria nas escolas e também nos cursos de inglês para podermos adquirir uma melhor aprendizagem da língua inglesa. E incentivar estes estudantes em terem uma experiência fora do país, para poderem conhecer uma cultura diferente e com isso, aperfeiçoar a língua. Esta experiência é muito válida para os aprendizes especialmente para o lado pessoal e profissional.

E assim, as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná, procuram as necessidades que os aprendizes precisam para unir a aprendizagem da língua e adquirir o conhecimento de uma cultura, sendo assim que,

“No ensino de Língua Estrangeira, a língua, [...] contempla as relações com a cultura, o sujeito e a identidade. [...] ensinar e aprender línguas é também ensinar e aprender percepções de mundo e maneiras de atribuir sentidos, é formar subjetividades, é permitir que se reconheça no uso da língua os diferentes propósitos comunicativos, independentemente do grau de proficiência atingido”. (PARANÁ. 2008, p.55).

Mas como observamos que aprender uma cultura e aperfeiçoar uma língua estrangeira, é necessário ter uma oportunidade para realizar isso. E como podemos averiguar, a minoria (12,5%) dos estudantes deste estudo tiveram a oportunidade em morar em outro país de língua inglesa. A Inglaterra (50,0%), os Estados Unidos (27,8%) e o Canadá (22,3%) foram os países mais frequentemente relatados, e o período de moradia variou de um mês a 48 meses. E entre fazer intercâmbio em país de língua inglesa foi referido que a minoria (17,4%) dos estudantes foram para a Inglaterra (46,2%) como a primeira escolha e os Estado Unidos (34,6%), foi a segunda escolha.

Isso demonstra que a necessidade dos estudantes terem morado ou feito intercâmbio ajudaram em aprender e desenvolver melhor a língua e puderem conviver em uma cultura diferenciada, dando a eles a oportunidade em conhecer a língua e a cultura. Conforme Janice menciona sobre a língua sendo unida a cultura,

“A língua é a mediadora da cultura; a cultura é interpretada pela língua; a cultura é conservada e relatada da língua, [...]. Consequentemente, quando se fala em língua, fala-se em cultura, e quando se fala em cultura, fala-se em língua. Elas andam de mãos dadas”. (2002, p.19).

Por isso, os aprendizes precisam ter oportunidades para poderem estudar ou até morar um tempo fora para obter uma boa fluência da língua estrangeira e conhecer de perto a cultura daquele país em que o aprendiz queira viver. Segundo, Santos e Santos que entendem sobre o intercâmbio citam,

“[...] Realizar um intercâmbio hoje é uma oportunidade conveniente para quem quer aperfeiçoar um idioma, crescer profissionalmente e pessoalmente, o que faz com que constantemente os estudantes procurem esta alternativa para manter o currículo profissional mais competitivo. Assim, os programas de intercâmbio, além de contribuírem com a carreira profissional dos alunos, auxiliam os jovens a ampliar a visão de mundo e também a compreender melhor outras culturas”. (2008, p.09).

A partir desta observação, hoje em dia, os estudantes podem aprender ou praticar a língua inglesa fazendo intercâmbio, que neste caso é um recurso que ajuda evoluir muito. Porém, apesar de que muitos estudantes não possam realizar um intercâmbio, existem, outros recursos que podem ajudar os estudantes desenvolver a aprendizagem de línguas estrangeiras com a tecnologia no auxílio, tornando estes recursos possíveis em realizar a aprendizagem das línguas que desejam aprender.

Podemos ressaltar que existem muitos outros recursos para aproveitarem e aprenderem a língua inglesa, como, os sites de cursos online, os *podcasts*, os aplicativos, os blogs, os vídeos, as palestras, e os *chats*, e entre outros.

Mas no que concerne às tecnologias e a aprendizagem da língua inglesa, Santos e Santos mencionam que, “a inserção das novas tecnologias no ensino de línguas trás um repensar das metodologias de ensino que ai estão, pois a aprendizagem de uma língua vai muito além de ouvir, falar, entender e ler.[...]”. Contudo, estas tecnologias podem aprimorar, contribuir, facilitar e colaborar na aprendizagem das línguas estrangeiras, e ainda mais no desenvolvimento da língua inglesa. E assim, podemos averiguar os resultados mencionados antes aqui na Tabela 2.

Tabela 2. Distribuição de frequência dos estudantes participantes do estudo segundo o estudo da língua inglesa, intercâmbio e moradia em país de língua inglesa. Recife, março a junho 2017.

Variáveis	Amostra= 144	n(%)	IC95%
<b>Estudo da língua inglesa</b>			
<b>Inglês ensino fundamental</b>			
Sim		137 (95,1)	(90,2-8,0)
<b>Inglês ensino médio</b>			
Sim		137 (95,1)	(90,2-8,0)
<b>Inglês fora da escola</b>			
Sim		112 (77,8)	(70,1-4,2)
<b>Inglês durante a graduação</b>			
Sim		29 (20,1)	(13,9-7,6)
<b>Intercâmbio em país de língua inglesa</b>			
Sim		25 (17,4)	(7,6-19,0)
<b>Moradia em país de língua inglesa</b>			
Sim		18 (12,5)	(4,3-14,1)

Fonte: dados da pesquisa de campo. (n=valor absoluto; IC=intervalo de confiança)

A utilização de livros científicos em inglês foi relatada pela a minoria (31,9%) dos estudantes, no entanto, a maioria (75,7%) declara lerem artigos científicos em inglês. A metade dos estudantes revelou que conseguem assistir vídeos científicos sem legendas (50,7%). Apenas a minoria (16,0%) participa de congressos internacionais, e também a minoria (6,3%) publicam artigos em inglês. Como mostra na Tabela 3.

Tabela 3. Distribuição de frequência dos estudantes participantes do estudo segundo a utilização da língua inglesa para estudo. Recife, março a junho 2017.

<b>Variáveis</b>	<b>Amostra = 144</b>	<b>n(%)</b>	<b>IC95%</b>
<b>Utilização da língua inglesa para estudo</b>			
<b>Estudar livros científicos</b>			
Sim		46 (31,9)	(24,4-0,2)
<b>Ler artigos científicos</b>			
Sim		109 (75,7)	(67,8-2,4)
<b>Assistir vídeos científicos sem legendas</b>			
Sim		73 (50,7)	(42,2-9,1)
<b>Participar em congressos internacionais</b>			
Sim		23 (16,0)	(10,4-2,9)
<b>Publicar artigos</b>			
Sim		09 (6,3)	(2,8-11,5)

Fonte: dados da pesquisa de campo. (n=valor absoluto; IC=intervalo de confiança)

Como podemos observar a Faculdade Pernambucana de Saúde utiliza uma metodologia de ensino que é a Aprendizagem Baseado em Problemas (ABP), que de acordo com Souza e Dourado explicam um pouco sobre o método ABP,

“apresentamos a ABP como uma estratégia de método para aprendizagem, centrada no aluno e por meio da investigação, tendo em vista à produção de conhecimento individual e grupal, de forma cooperativa, e que utiliza técnicas de análise crítica, para a compreensão e resolução de problemas de forma significativa e em interação contínua com o professor tutor”. (2015, p.183- 185).

Baseado nesta metodologia, podemos entender que os estudantes se envolvem mais nos estudos, que neste caso é a medicina, e aprendem em resolver problemas de forma significativa e continua. E por esta razão, também podemos nos referir que através desta metodologia, os estudantes podem ter acesso à língua inglesa na graduação pelo fato que os materiais para estudo são encontrados em português, e possivelmente, muitos destes são encontrados em inglês.

Por isso, em relação à leitura científica em inglês, os estudantes encontram a necessidade de ler e desenvolver os seus conhecimentos na área de medicina com muitos materiais científicos em português e em inglês. E com isso, eles conseguem desenvolver mais esta habilidade da leitura de termos técnicos em inglês do que a do inglês cotidiano, que é uma linguagem mais do dia-dia. Mas também, os estudantes talvez possam obter dificuldades na linguagem técnica, apesar de desenvolver um grau de conhecimento do inglês fazendo associações ou traduções, podendo melhorar um pouco o entendimento do inglês dos materiais científicos.

Conforme mencionamos antes, estas duas formas de leitura, a científica e a cotidiana, estas são leituras bastante distintas e são desenvolvidas de formas diferenciadas e isso se torna um desafio aos aprendizes. Como Lin cita sobre o desafio dos aprendizes tem em aprender a língua inglesa, “*An active attitude is indispensable to English learning because it may direct the learners’ efforts toward learning English effectively, and it may even describe the successfulness of their English learning*”.<sup>3</sup>(2017, p.109).

Com isso, os estudantes tentam traduzir por eles mesmos ou buscam recursos para obter um melhor e mais facilitado entendimento do estudo destes materiais. Como menciona Yu, “*At school, the majority of subject-specific textbooks and professional journals are written in English, though many more have been translated in local language(s) for better comprehension*”.<sup>4</sup>(2013, p. 124).

E assim, os estudantes universitários, mais especificamente, de medicina, precisam começar a desenvolver a linguagem da área em conjunto com a língua inglesa para que a sua aprendizagem, especialmente do inglês, começa a tornar cada vez mais fácil na desenvoltura, por ser uma linguagem mais específica.

De acordo com Vilaça, ele comenta sobre áreas específicas utilizando a língua inglesa de forma técnica, “*Disciplinas denominadas inglês técnico também são uma forma de ensino de inglês para fins específico. Em geral, esta denominação busca enfatizar que o ensino de inglês esta diretamente voltado para a área de atuação profissional*”. (2010, p.06).

Acreditamos que pela razão que os estudantes tenham uma aprendizagem da metodologia ABP, sendo esta aplicada na faculdade, fazem com que os estudantes desenvolvam a habilidade da leitura com a possibilidade de assistirem vídeos científicos na linguagem técnica da medicina, tanto em português e acreditamos que em inglês também, fazendo com que a sua linguagem seja mais específica.

Em relação à participação em congressos internacionais e publicações de artigos em inglês, o dado relatado pelos os estudantes foi relativamente um tanto baixo. Acreditamos que seja ainda por falta do domínio da língua inglesa especialmente na área científica. Por isso, aos estudantes precisam aprender e desenvolver a língua inglesa para poder aprofundar, conhecer e obter um entendimento melhor sobre a área científica.

Segundo Freitas cita que, “*O domínio de outros idiomas, como a língua inglesa permite ainda o intercâmbio científico e comercial, por proporcionar acesso tanto á bibliografia quanto ao conhecimento científico divulgado em outras línguas. [...]*” (2010, p.03). E na mesma linha de raciocínio, Viebig e Pardini mencionam a necessidade do inglês para publicação e congressos internacionais,

---

<sup>3</sup> Uma atitude ativa é indispensável na aprendizagem do inglês porque pode direcionar os esforços dos estudantes em aprenderem inglês eficientemente, e isso pode descrever o sucesso deles na aprendizagem do inglês.

<sup>4</sup> Na escola, a maioria dos livros de assuntos específicos e revistas profissionais são escritos em inglês, embora muito mais foram traduzidos para línguas locais para melhoraram a compreensão.

“Não é suficiente apenas a publicação de resumos e palavras-chave em inglês. Na verdade, o resumo é essencial para atrair a curiosidade de outros pesquisadores, mas é fundamental que o texto seja publicado em língua inglesa, caso contrário, certamente não deverá ser lido ou sequer citado. Temos que nos curvar para a tendência mundial de que o inglês é idioma oficial de congressos internacionais, das publicações e das comunicações em geral”. (2009, p.162 e163).

Estamos em concordância com o que os autores citaram acima e analisamos que seria necessário o desenvolvimento da língua inglesa para os estudantes em podem participar em eventos e congressos internacionais e ainda mais, terem capacidade de escreverem artigos em inglês para publicações, tornando essencial a língua inglesa na aprendizagem ao longo do curso de medicina.

Agora observaremos no que tange a atividade de lazer, menos da metade (45,1%) mencionam assistir filmes sem legendas, a maioria relatou escutar músicas em inglês (95,1%), a minoria (36,8%) leem livros não científicos, e também a minoria (38,9%) informaram utilizar a língua inglesa nas redes sociais. Como esta descrita na Tabela 4.

Tabela 4. Distribuição de frequência dos estudantes participantes do estudo segundo a utilização da língua inglesa para lazer. Recife, março a junho 2017.

Variáveis	Amostra= 144	n(%)	IC95%
<b>Utilização da língua inglesa para lazer</b>			
<b>Assistir filmes sem legendas</b>			
Sim		65 (45,1)	(36,8-3,6)
<b>Escutar musica</b>			
Sim		137 (95,1)	(90,2-8,0)
<b>Ler livros não científicos</b>			
Sim		53 (36,8)	(28,9-5,2)
<b>Conversar nas redes sociais</b>			
Sim		56 (38,9)	(30,8-7,3)

Fonte: dados da pesquisa de campo. (n=valor absoluto; IC=intervalo de confiança)

As gerações da atualidade são muito antenados especialmente em relação à tecnologias, a internet, as conversas em redes sociais e ouvirem músicas. Mas em relação a assistir filmes e/ou séries em inglês, os aprendizes procuram formas mais fáceis para o seu entendimento com a ajuda das legendas, que a maioria das vezes não é utilizada em inglês, e sim, em português.

Mas isso acontece porque os aprendizes provavelmente não querem ler as legendas ou ouvir os áudios em inglês e então preferem a própria língua materna, colocando o áudio e às vezes, as legendas em português, ao invés de ter contato com o áudio e as legendas em inglês para poderem praticar a língua. Porém, às vezes este comportamento seja a forma que os aprendizes aprenderam a lidar com a língua inglesa e Oliveira menciona sobre isso,

“Há aprendizes que tem a iniciativa de procurar tais oportunidades, mas há aqueles que acreditam que apenas ir às aulas basta para aprenderem inglês. E aí o professor entra em cena, surgindo a seus alunos que busquem oportunidades como, por exemplo, atividades extras que o instituto de idiomas ofereça: aulas de conversação e de musica; eventos em que a língua inglesa seja utilizada; o uso da legenda em inglês ou a retirada da legenda de filmes e séries a que assistem em casa”. (2015, p.54)

Isso também vale para as músicas, temos que praticar o ouvir como fazemos quando assistirmos filmes e séries em inglês. Ouvir músicas e acompanhar as legendas em inglês é um grande recurso para aprimorar a habilidade do ouvir como da leitura. De acordo com Holden, “[...] a audição está ligada a outras atividades, tais como a fala e a escrita. Em outras palavras, a audição é vista como componente de uma sequência de atividades integradas envolvendo outras habilidades linguísticas”. (2009, p. 93).

Em relação à leitura de livros não científicos, estes são às vezes os mais difíceis ou dependendo do conhecimento e a prática do inglês dos aprendizes, são os mais fáceis. A leitura de livros não científicos é fácil porque não contém termos técnicos, mas por outro lado, contém uma linguagem cotidiana. Mas se caso o aprendiz não dominar a linguagem técnica e sim a cotidiana ou vice versa, o inglês se torna mais difícil naquela que ele ou ela não domina.

E por esta razão, temos que estar em contato com as duas formas de linguagem, a técnica e a cotidiana, para que a nossa aprendizagem se torne mais fácil. Como Lin menciona sobre a leitura interagindo com a compreensão e o conhecimento técnico e cotidiano.

*“English reading is one of the most fundamental language skills in universities where English is learned as a foreign language (EFL). In most situations, English written text (text books, journals and articles, online resources, and text translated from other foreign languages, etc.) is a major medium for delivering worldwide and cutting-edge knowledge. University students need to rely on their English reading skills to advance their professional knowledge both in and out of the classroom”.*<sup>5</sup>(2017, p.109).

E com essa interação da leitura e do ouvir, existem as conversas em rede sociais, e com isso, a internet propõe uma colaboração para que os aprendizes possam melhorar o inglês através da conversação, da escrita e do ouvir. Porém, os estudantes demonstram não ter muita facilidade em comunicarem oralmente e talvez nem tenham a capacidade de desenvolver a escrita da língua inglesa porque conversar nas redes sociais utiliza mais uma linguagem cotidiana, do que a linguagem técnica.

Todavia, podemos entender que a internet pode facilitar e até ajudar no momento da conversa e da escrita na linguagem cotidiana. Apenas os aprendizes precisam estar mais em contato para poderem obter uma desenvoltura desta linguagem cotidiana nas redes sociais, assim como menciona Vilaça, “A internet é outro fator que ampliou a presença e, conseqüentemente, a importância da língua inglesa nas últimas duas décadas. [...] Hoje é fácil ler, escrever, ouvir e falar em inglês na internet, no sentido em que oportunidades não faltam. [...]”. (2010, p. 03).

Além disto, tendo em consideração ao grau de proficiência da língua inglesa, pouco mais de um terço dos estudantes declarou falar bem (33,3%), um pouco mais da minoria (41,0%) falam de forma regular

---

<sup>5</sup> A leitura em inglês é uma das habilidades mais fundamental nas universidades onde o inglês é ensinado como língua estrangeira (LE). Na maioria das situações, textos escritos em inglês (livros didáticos, revistas e artigos, recursos online, e textos traduzidos em outras línguas estrangeiras, etc.) é um grande desafio para o mundo e para os conhecimentos avançados. Os estudantes universitários precisam confiar nas suas capacidades em lerem inglês para avançar nos seus conhecimentos profissionais assim como dentro e fora da sala de aula.

e 25,7% pouco. Já quanto na compreensão, eles referiram compreender bem em um pouco mais que a metade (50,7%) dos casos, e em 39,6% de forma regular e 9,7% pouco. Em relação à leitura, um pouco mais da metade (56,3%) afirmaram que ler bem, 34,0% regular e 9,7% pouco e quanto à escrita, foram os seguintes percentuais informados: (29,9%) escrevem bem, mas quase a metade dos estudantes escreve regular (48,6%) e (21,5%) pouco. Como podemos observar na Tabela 5.

Tabela 5. Distribuição de frequência dos estudantes participantes do estudo segundo o grau de proficiência na língua inglesa. Recife, março a junho 2017.

Variáveis	Amostra=144	n (%)	IC95%
<b>Fala inglês</b>			
Pouco		37 (25,7)	(18,7-3,6)
Regular		59 (41,0)	(32,8-9,4)
Bem		48 (33,3)	(25,7-1,6)
<b>Compreende inglês</b>			
Pouco		14 (9,7)	(5,4-15,7)
Regular		57 (39,6)	(31,5-8,0)
Bem		73 (50,7)	(42,2-9,1)
<b>Ler em inglês</b>			
Pouco		14 (9,7)	(5,4-15,7)
Regular		49 (34,0)	(26,3-2,3)
Bem		81 (56,3)	(47,7-4,4)
<b>Escreve em inglês</b>			
Pouco		31 (21,5)	(15,1-9,1)
Regular		70 (48,6)	(40,2-7,0)
Bem		43 (29,9)	(22,5-8,0)

Fonte: dados da pesquisa de campo. (n=valor absoluto; IC = intervalo de confiança)

Quanto aos estudantes, podemos analisar que talvez, aprenderam as habilidades separadas ou com em conjunto das duas. Vejamos que eles autodeclararam que escrevem e falam regularmente, enquanto o ler e o compreender são respondidos como bem. E como podemos ver na tabela, estas habilidades estão bem evidentes.

Conforme os pensamentos dos teóricos e professores no passado e mesmo nos dias de hoje consideram as habilidades o falar e o escrever, ativas e as habilidades o ler e o compreender, passiva. De acordo com Oliveira, as habilidades foram consideradas assim, “Há algumas décadas, teóricos e professores de línguas estrangeiras costumavam dividir as quatro habilidades linguísticas em dois grupos: as passivas, i.e., a compreensão oral e a leitura, e as ativas, i.e., a fala e a escrita”. (2015, p. 46).

E com isso, existem as variações de aprendizagem nas habilidades do falar, compreender, ler e escrever para os aprendizes, e estas variações, às vezes, são complexos e por isso, os aprendizes conseguem obter mais conhecimento de uma ou até das duas habilidades, mas muito dificilmente as quatro habilidades em conjunto. De acordo com o Instituto de Pesquisa Data Popular junto com o *British Council*, em relação às habilidades é que,

“Em relação às competências, a leitura é a atividade praticada com mais frequência, porém as maiores dificuldades estão na fala e na compreensão. Mesmo entre que já estudou ou está estudando inglês, há dificuldade nas habilidades requeridas no idioma”. (2013, p.23).

Como mencionamos antes, entendemos que a forma de ensinar, separando as habilidades, continue sendo assim em algumas instituições, escolas e cursos de inglês até hoje, mas agora parece que estão começando a melhorar este aspecto de ensinamento. Assim Oliveira afirma que,

“Hoje, com os avanços das pesquisas em psicolinguística e em linguística aplicada, a maior parte dos teóricos e professores se conscientizou de que não existe passividade em nenhuma dessas habilidades. Pelo contrario, nós realizamos um esforço cognitivo grande para desenvolvermos as quatro habilidades independentemente de estarmos falando da língua materna ou de uma língua estrangeira”. (2015, p. 46).

A leitura ou o ler é a habilidade mais utilizada e a mais fácil entre os aprendizes de qualquer nível da língua inglesa, porque esta habilidade é uma atividade solitária, mais pessoal e que não necessariamente precisam de uma interação maior na aprendizagem, como as outras. Como mencionado antes, esta é uma das habilidades mais fáceis em desenvolver e com o tempo é a que vai aperfeiçoando mais. De acordo com a Holden,

“A leitura é uma das habilidades linguísticas mais “pessoais”. Na vida real, quase sempre é uma habilidade solitária. Podemos ler algo por prazer ou em busca de informações, mas só o fazemos por motivação pessoal e própria. Além disso, por ser uma atividade solitária, a leitura também é a mais “portátil” das habilidades.” (2009, p. 56).

Mas com tudo isso, podemos analisar que os estudantes precisam desenvolver a língua inglesa para alcançar os seus objetivos que podem ser na vida pessoal ou profissional. De qualquer forma, sabemos que hoje em dia ser fluente ou ter proficiência de uma língua estrangeira, é essencial, tanto estando no seu próprio país como afora. Assim como cita Aaltonen, coordenadora do departamento de Língua Inglesa do Colégio Vital Brasil,

“Ser fluente ou proficiente em inglês, idioma mais estudado no mundo como língua estrangeira (por cerca de 1,5 bilhão de pessoas) também confere á pessoa uma sensação de realização pessoal, ao permitir que ela aproveite melhor momentos de lazer ao navegar pela internet, ler textos na fonte, assistir a filmes e ouvir músicas sem precisar de legendas ou tradução, desfrutar de viagens internacionais e interagir melhor em diversos contextos sociais”. (2016, p. 02).

Nesta próxima sequência poderemos entender melhor as funções das habilidades em conjunto com as variáveis associadas em relação ao inglês dos estudantes universitários de medicina.

## **AS HABILIDADES E AS VARIÁVEIS ASSOCIADAS**

Diante de tudo que observamos, vamos agora analisar como as quatro habilidades, o ler, o escrever, o compreender e o falar, serão associadas com as variáveis em relação à língua inglesa entre os estudantes universitários de medicina. Estas habilidades como mencionamos antes, são essenciais na aprendizagem e no desenvolvimento das línguas, neste caso, a língua inglesa.

Além das interações das habilidades para desenvolver e aprender a língua inglesa, precisaremos também praticar e adquirir a língua para que consigamos alcançar uma boa fluência, em outras palavras, obter uma proficiência para nos comunicar com o mundo.

E para que isso aconteça, precisamos aprimorar em relação à aprendizagem, o desenvolvimento e a aquisição, porque sabemos que a língua inglesa contribui com a formação do aprendiz proporcionando o conhecimento, as oportunidades e o desenvolvimento, conforme Malvezzi cita que, “É uma suma importância pensar na formação do cidadão, em uma transformação da sociedade, [...]” (2013, p.16297), e se não tiver pelo menos um pouco de aquisição da língua, as portas se fecham. Vejamos também o que Nicholls (2001) diz a respeito a este aspecto,

“o desconhecimento de uma língua estrangeira constitui, muitas vezes, um entrave que fecha o acesso ao mundo moderno, que impede o consumo de conhecimentos produzidos no estrangeiro, além de cercear a contribuição ativa e eficiente na produção e no desenvolvimento científico e tecnológico internacional”. (p.15).

E agora veremos que, de acordo com a habilidade “**Ler Bem Inglês**” que teve associação com as variáveis “**Ler artigos científicos em inglês**”, “**Assistir vídeos científicos em inglês sem legendas**”, e “**Conversar inglês nas redes sociais**” entre os estudantes universitários de medicina, conforme mostra na Tabela 6.

Tabela 6. Análise univariada usando regressão simples de Poisson para identificar fatores associados ao desfecho “Ler Bem em Inglês” e os modelo inicial e final de regressão múltipla de Poisson, tendo como variável resposta “Ler Bem Inglês” atualmente e como variáveis preditoras exposição prévia a atividades de aprendizagem da língua inglesa com amostra de 144 estudantes.

Variável	Desfecho		Modelo Inicial		Modelo Final	
	Amostra: 144	: <b>Ler Bem em Inglês</b>	RP (IC95%)	Valor p Wald	RP (IC95%)	Valor P (IC95%)
	n	n (%)				
<b>Ler Artigos Científicos em Inglês</b>				< 0,001		0,012
	Sim	109	77 (70,6) 6,18 (2,43 – 15,72)		3,77 (1,34 – 10,62)	3,97 (1,55 – 10,15)
	Não	35	4 (11,4) 1,0		1,0	1,0
<b>Assistir Vídeos Científicos em Inglês sem Legendas</b>				< 0,001		0,029
	Sim	73	62 (84,9) 3,17 (2,13 – 4,73)		1,83 (1,06 – 3,15)	1,99 (1,31 – 3,02)
	Não	71	19 (26,8) 1,0		1,0	1,0
<b>Conversar Inglês em Redes Sociais</b>				< 0,001		0,018
						0,016

Sim	56	50 (89,3)	2,53 (1,88 – 3,42)	1,41 (1,06 – 1,86)	1,43 (1,07 – 1,91)
Não	88	31 (35,2)	1,0	1,0	1,0

Fonte: dados da pesquisa de campo. (n= valor absoluto; RP = Razão de Prevalência; IC = Intervalo de Confiança)

Como podemos observar, a habilidade de “ler bem inglês” foi associada com a variável “ler artigos científicos em inglês” e que a maioria dos estudantes (70,6%) tem habilidade em lerem artigos científicos quando comparamos com os estudantes (11,4%) que não tem.

E por esta razão, como a maioria dos estudantes tem esta prática de lerem artigos científicos, podemos talvez mencionar que esta associação pode estar relacionada com a metodologia de ensino, a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) utilizada na Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), no qual podemos entender um pouco sobre a metodologia através dos autores, Araújo e Sastre, que mencionam que,

“Em suas diferentes variações, as perspectivas da ABP deslocam o aluno para o núcleo do processo educativo, dando a ele autonomia e responsabilidade pela própria aprendizagem, por meio da identificação e análise de problemas; da capacidade de elaborar questões e procurar informações para ampliá-las e respondê-las; e daí, para recomeçar o ciclo levantando novas questões e novos processos de aprendizagem e problematização da realidade”. (2009, p.09).

Conforme esta metodologia seja aplicada no ensino dos estudantes de medicina, acreditamos que através desta metodologia possa facilitar muito os estudantes em realizar a atividade de leitura de artigos científicos, que são encontrados em português, porém, muito mais destes artigos também são encontrados em inglês e assim sentimos que os estudantes conseguem desenvolver a habilidade da leitura dos artigos em inglês.

Entretanto, acreditamos que pela esta razão mencionada anteriormente sobre a leitura de artigos científicos em inglês, encontramos as mesmas informações em relação a variável “assistir vídeos científicos em inglês sem legendas”, quando analisamos que um pouco mais da metade dos estudantes (84,9%) tenham esta capacidade de assistir vídeos científicos em inglês do que aqueles estudantes (26,8%) que não tem. Novamente, acreditamos que esta capacidade seja por causa da aprendizagem que a metodologia ABP desenvolve nos estudantes, e com isso, os estudantes obtêm a habilidade da leitura, que possivelmente, seja em conjunto com as atividades em assistirem vídeos científicos e com isso, conseguem desenvolver mais a linguagem científica e técnica.

E assim, com este desenvolvimento e a aprendizagem da língua inglesa na linguagem técnica que é praticado, neste caso ao longo do curso de medicina, a linguagem médica é uma linguagem mais específica e contém muitos termos técnicos, fazendo com que a aprendizagem dos estudantes se torne única no aperfeiçoamento na prática de termos técnicos da língua inglesa nesta área específica. De acordo com Vilaça, ele comenta sobre a área específica utilizando a língua inglesa técnica e em conjunto com a leitura,

“O inglês pode contribuir de formas variadas para a forma acadêmica em diversas áreas. No caso da graduação, a necessidade de leitura de literatura especializada em língua inglesa é fator importante para alguns cursos, tais como engenharia, medicina, informática entre outras, já que muitos livros, sites e softwares estão disponíveis nesta língua”. (2010, p.02).

Já na variável “Conversar inglês nas redes sociais”, observamos que a minoria dos estudantes (89,3%) tem a prática de conversar em inglês do que os estudantes (35,2%) que não tem ainda esta prática. Na realidade, esta prática de conversar em redes sociais demonstra uma comunicação mais cotidiana da língua inglesa. E isso talvez faça com que os estudantes que não tenha a habilidade de comunicarem nas redes sociais e tentarem estabelecer uma linguagem mais cotidiana, talvez fossem pelo fato da aquisição adquirida pela prática da linguagem técnica do inglês.

E por esta razão, os estudantes não conseguem desenvolver o inglês cotidiano pela influencia do inglês técnico, tornado o inglês cotidiano o mais difícil e também sem muita desenvoltura para o entendimento do mesmo. Contudo, entendemos que com a prática em desenvolver o inglês, tanto o cotidiano ou o técnico, e com ajuda da internet, podem facilitar no desenvolvimento e o entendimento do inglês, como Holden menciona sobre o fato,

“hoje, porém, em função de o inglês estar tão amplamente disponível na internet e pelo fato de seu uso ter se tornado uma realidade – e até mesmo uma exigência – para tantas pessoas, é muito mais fácil ver a conexão entre o que é realizado em sala de aula e o uso do idioma lá fora”. (2009, p. 15).

E como estamos falando em relação ao conversar, vamos agora averiguar que na Tabela 7, a habilidade “Falar Bem em Inglês” esta integrada as variáveis “Assistir vídeos científicos sem legendas em inglês” e “Ler livros não científicos em inglês” como também podemos observar que na Tabela 8, temos as mesmas variáveis mencionadas acima, porém estão relacionadas a uma habilidade diferente que é a “Compreender Bem em Inglês” através dos resultados mencionados pelos estudantes.

Tabela 7. Análise univariada usando regressão simples de Poisson para identificar fatores associados ao desfecho “Fala Bem em Inglês” e com os modelos inicial e final de regressão múltipla de Poisson, tendo como variável resposta “Fala Bem em Inglês” atualmente e como variáveis predictoras exposição prévia a atividades de aprendizagem da língua inglesa com amostra de 144 estudantes.

Variável	Amostra: 144		Desfecho: <b>Fala bem em Inglês</b>		Modelo Inicial		Modelo Final	
	N	n (%)	RP (IC95%)	Valor p Wald	RP (IC95%)	Valor P	RP (IC95%)	Valor p
<b>Assistir Vídeos Científicos em Inglês sem Legendas</b>				< 0,001		0,072		0,001
Sim	73	39 (53,4)	4,21 (2,20 – 8,07)		2,12 (0,93 – 4,82)		3,13 (1,58 - 6,18)	
Não	71	9 (12,7)	1,0		1,0		1,0	

Fonte: da de (n =	<b>Ler Livros Não Científicos em Inglês</b>							dados pesquisa campo. valor
				< 0,001		0,005		< 0,001
	Sim	53	32 (60,4)	3,43 (2,09 – 5,65)		2,19 (1,27 – 3,79)		2,47 (1,46 – 4,18)
	Não	91	16 (17,6)	1,0		1,0		1,0

absoluto; RP = Razão de Prevalência; IC = Intervalo de Confiança)

Tabela 8. Análise univariada usando regressão simples de Poisson para identificar fatores associados ao desfecho “Compreende Bem em Inglês” e com os modelos inicial e final de regressão múltipla de Poisson, tendo como variável resposta “Compreende Bem em Inglês” atualmente e como variáveis predictoras exposição prévia a atividades de aprendizagem da língua inglesa com amostra de 144 estudantes.

Variável	Amostra : 144	Desfecho: <b>Compreende Bem em Inglês</b>		Modelo Inicial		Modelo Final	
		N	n (%)	RP (IC95%)	Valor p – Wald	RP (IC95%)	Valor p (IC95%)
<b>Assistir Vídeos Científicos em Inglês sem Legendas</b>					< 0,001		< 0,001
Sim	73	60 (82,2)	4,49 (2,71 – 7,43)		3,37 (1,86 – 6,14)		3,72 (2,21- 6,28)
Não	71	13 (18,3)	1,0		1,0		1,0
<b>Ler Livros Não Científicos em Inglês</b>					< 0,001		0,041
Sim	53	41 (77,4)	2,20 (1,60 – 3,02)		1,39 (1,01 – 1,90)		1,40 (1,06 – 1,84)
Não	91	32 (35,2)	1,0		1,0		1,0

Fonte: dados da pesquisa de campo. (n = valor absoluto; RP = Razão de Prevalência; IC = Intervalo de Confiança)

Pelo o que podemos verificar é que, um pouco mais do que a metade dos estudantes tanto nas Tabelas 7 e 8, (53,4% e 82,2% respectivamente), tenham a prática de assistir vídeos científicos em inglês sem legendas em relação à habilidade “compreender bem em inglês”, do que os estudantes (12,7% e 18,3%), encontrados na Tabela 7 e 8, que não tenham esta mesma prática.

Contudo, mais uma vez, talvez esta prática seja pela interferência da metodologia ABP que é utilizada, e conforme mencionamos antes, pode ser por causa desta capacidade que os estudantes podem ter desenvolvido mais esta habilidade de compreender por assistir vídeos com filmes e séries, ou por terem utilizando os canais e recursos da internet e da televisão por assinatura para este propósito e que no qual, ajudaram muito nesta desenvoltura. De acordo com Araújo-Silva,

“[...]. Assim, seja numa vila periférica, numa grande metrópole ou em áreas rurais, por meio das novas tecnologias (internet, TV a cabo, telefone celular, *Ipods*) é possível conectar-se, interagir, informar-se e consumir produtos de origens variadas e “distantes”. (2009, p.01).

E quando assistirmos muito através destes recursos, a fluência da língua inglesa começa a ser desenvolvida pela interferência e a aquisição e é adquirida pela ajuda dos recursos. E com isso, podemos colocar em prática a fala e a compreensão, não só através destes recursos, mas podendo ser desenvolvidos mais com ajuda da interação de pessoas nativas, fazendo com que a prática destas mesmas habilidades se torna mais fluentes. De acordo com Oliveira, “[...] se por “falar inglês” entendemos a capacidade de interagir com outras pessoas utilizando a língua inglesa, entendendo-se fazendo-nos entender acerca de assuntos diversos, [...]” (2015, p.131,132). E na mesma linha de pensamento, a Gutiérrez menciona que,

*“Training in oral skills which let them communicate and interact in a meaningful and fruitful form, that is, exchanging information, negotiating meaning, supporting ideas, facing oral defenses, is a way to motivate students to see the foreign language as a vehicle for social interaction”.* <sup>6</sup>(2005, p.84).

E em relação a variável “ler livros não científicos em inglês” a minoria dos estudantes (60,4% e 77,4%), em ambas as Tabelas 7 e 8, provavelmente tenham a prática da leitura cotidiana, do que os estudantes que não tem (17,6% e 35,2%, respectivamente). E como sabemos, a leitura cotidiana é bastante diferente do que a leitura técnica.

Mas também o desenvolvimento desta prática pode ter sido desenvolvido visto que, a maioria dos estudantes estudou a língua inglesa na escola durante o ensino fundamental e o médio, como vimos antes, e conseqüentemente estudaram em cursos de inglês, onde às vezes nestes cursos tenham a prática da leitura de literaturas clássicas em inglês e que podem ter influenciado os estudantes em adquirirem esta prática.

Estas literaturas clássicas são os romances, contos, poemas, e entre outros. E também a literatura clássica se refere a uma linguagem cotidiana mais específica da literatura inglesa. Porém este tipo de leitura clássica pode ser muito mais difícil para quem esteja aprendendo o inglês.

Para podemos entender um pouco melhor a literatura clássica, primeiro teremos que trazer esta linguagem clássica literária para o inglês cotidiano atual para adquirir um pouco do conhecimento e entender melhor a linguagem, tornando esta prática difícil e cansativa, mas de alguma forma, eficiente. Mas segundo Oliveira, ele menciona que esta atividade tornou os aprendizes eficientes quando adquiriram a prática da leitura da literatura inglesa,

*“Quando pensamos em literatura e ensino de inglês, não podemos nos esquecer do método de gramática e tradução, cujo principal objetivo é levar os aprendizes a se tornarem leitores eficientes. Em sua fase, mais popular, no final do século XIX e no início do século passado, os professores só usavam textos literários na sala de aula. Poemas, contos e possivelmente romances eram estudados minuciosamente em sala de aula”.* (2015, p.127).

---

<sup>6</sup> Treinar a habilidades oral para permitir que eles se comunicarem e interajam de forma positiva e significativa, isso é, trocando informações, negociando os significados, apoiando ideias, realizando conversas orais, é um maneira de motivar estudantes em verem a língua estrangeira como um veículo para interação social.

No qual, estas leituras da literatura eram e ainda são leituras frequentes e acreditamos são as mais difíceis para adquirirem a competência e a prática da língua inglesa cotidiana. Por isso, temos a tecnologia para abrir novos horizontes de leitura mais cotidiana e talvez, as mais fáceis para o nosso entendimento e conhecimento da língua inglesa, do que as leituras clássicas. E assim, Oliveira menciona sobre a leitura cotidiana,

“Contudo, com a modernização das tecnologias da informação – e aqui me refiro especificamente à invenção da rádio, do telefone, e do televisor -, os textos literários começaram a perder espaço para outros tipos de textos, e.g., textos jornalísticos e anúncios publicitários, [...]” (2015, p.127),

E também Oliveira menciona sobre a dificuldade em adquirir a prática da leitura sem ter um conhecimento prévio sobre o que a leitura se refere. No qual colocando em prática previamente o que a leitura se trata, ajudaria muito os aprendizes na desenvoltura do vocabulário, do conhecimento e entre outras, a prática da leitura na língua inglesa. “[...]. A leitura é uma habilidade complexa, que depende profundamente dos conhecimentos prévios do leitor, sem os quais a produção de sentidos se torna difícil ou até mesmo impossível”. (OLIVEIRA, 2015, p.99).

Como podemos observar que tanto a fala e a compreensão são habilidades não desenvolvidas de formas muito insatisfatórias e com muitas dificuldades. Assim, como foi mencionamos antes, existem recursos para a prática destas habilidades, porém não praticamos-los com tanta frequência, mas precisamos de mais recursos para obter uma plena conquista destas duas habilidades, a fala e o compreender.

Existem fatores no qual não conseguimos desenvolver a fala tornando o compreender mais difícil também. Primeiramente, a fala, pelo fato que não temos contato com muitas pessoas nativas da língua inglesa, não praticamos e quando têm estas pessoas, nós ficamos com medo de falar, a timidez interfere, talvez porque podemos falar errado, achando que o nativo não vai nos entender, mas se nós não falamos como vamos saber se estamos falando de forma compreensiva? Temos que tentar, sempre quando pudermos mesmo se achamos que estamos falando errado. De acordo com Oliveira,

“[...] a aprendizagem de uma língua é uma atividade que envolve não apenas a cognição, mas também os estados psicológicos dos aprendizes”. [...] E fontes de barreiras psicológicas muito comuns são a timidez e o medo de errar, que acabam provocando nos aprendizes ansiedade e insegurança, principalmente nas atividades da fala”. (2015, p. 133).

E a habilidade do compreender também não fica muito longe do raciocínio sobre a habilidade do falar. O compreender é a habilidade que muitos têm dificuldade em desenvolver que pode haver fatores dos quais nós não colocamos muito em prática, por exemplo, achamos que estamos desenvolvendo o ouvido quando estamos ouvindo músicas, filmes, diálogos e conversas entre pessoas nativas ou até entre nós mesmos, mas na realidade, não usamos muito os nossos ouvidos para ouvir. Como menciona Oliveira em relação a nossa dificuldade em ouvir é que, “a compreensão oral não se limita à percepção dos sons,

obviamente fundamental: ela também esta vinculada á atribuição de sentidos aos sons percebidos, tarefa nada fácil para os aprendizes de línguas estrangeiras”. (2015, p.75).

Por estas razões devemos colocar em prática estas duas habilidades, o falar e o compreender em forma conjunta. Porque colocando estas habilidades em prática, nós podemos nos comunicar e seremos entendidos de forma plena sem dificuldades de nós expressarmos e sermos entendidos e vice-versa. Por esta razão, temos que nos soltar e nos comunicar, se não trava. E o Oliveira menciona sobre isso, “Ora, quanto menos nós nos expomos ao inglês falado, mais lentamente desenvolveremos nossa habilidade de compreensão oral. Simples assim”. (2015, p.76).

Após discutimos sobre as habilidades do falar e do compreender, agora vamos presenciar na Tabela 9, a habilidade “**Escrever Bem em Inglês**” que esta associada com as variáveis “**Assistir Filmes em Inglês sem Legendas**” e “**Ler Livros não Científicos em Inglês**” em relação aos estudantes.

Tabela 9. Análise univariada usando regressão simples de Poisson para identificar fatores associados ao desfecho “Escrever Bem em Inglês” e com os modelos inicial e final de regressão múltipla de Poisson, tendo como variável resposta “Escrever Bem em Inglês” atualmente e como variáveis predictoras exposição prévia a atividades de aprendizagem da língua inglesa com amostra de 144 estudantes.

Variável	Amostra : 144	Desfecho : <b>Escreve Bem em Inglês</b>		Valor p – Wald	Modelo Inicial		
		n	n (%)		RP (IC95%)	RP (IC95%)	Valor P
<b>Assistir Filmes em Inglês sem Legendas</b>				< 0.001		< 0.001	
Sim	65	35 (53.8)	5.32 (2.65 - 10.67)		4.64 (2.15-10.03)		3.56 (1.65- 7.68)
Não	79	8 (10.1)	1.0		1.0		1.0
<b>Ler Livros Não Científicos em Inglês</b>				< 0.001		0.008	
Sim	53	31 (58.5)	4.44 (2.49 - 7.89)		2.49 (1.27 - 4.87)		2.84 (1.50 - 5.38)
Não	91	12 (13.2)	1.0		1.0		1.0

Fonte: dados da pesquisa de campo. (n = valor absoluto; RP = Razão de Prevalência; IC = Intervalo de Confiança)

Em relação à habilidade de “escrever bem em inglês” com a variável “assistir filmes em inglês sem legendas”, encontramos que muito menos que a metade dos estudantes (53,8%) tem capacidade de assistir filmes sem legendas quando relacionamos aos estudantes (10,1%) que não tem a capacidade. Esta capacidade, realmente é muito difícil em adquirir especialmente quando relacionamos a língua inglesa, justamente pela pouca prática de não assistir filmes com legendas.

Como mencionamos antes, os aprendizes preferem assistir filmes com legendas em português do que em inglês ou até o áudio do filme, é às vezes em português. E por esta razão, acreditamos que torna mais difícil desenvolver a habilidade da escrita quando relacionamos com as legendas dos filmes.

Entretanto, se nós assistirmos filmes com legendas, tanto em português ou em inglês, como já sabemos, a legenda é uma ferramenta útil para o nosso desenvolvimento da escrita nas duas línguas, tanto a materna como para a segunda aquisição de uma língua estrangeira.

E para desenvolver a língua que estamos observando através da legenda, que também ajuda na desenvoltura das outras habilidades como a do escrever, a do ler, o do falar e do ouvir, a legenda se torna uma habilidade essencial para os aprendizes na desenvoltura, na prática, e adquirir conhecimentos da língua inglesa de forma proveitosa. Como cita Caimi em relação às habilidades no auxílio do desenvolvimento da língua inglesa através das legendas,

*“Viewing subtitled films is a cross-linguistic communication experience, where the message is simultaneously conveyed by the two most common channels of communication: speech and writing. Consequently, viewers have to practice reading and listening skills simultaneously, backed up by the visual, animated input of the storyline of the film”* (2009, p.241).

Por esta razão, devemos praticar mais esta capacidade em assistir mais filmes, séries e outros recursos utilizando a legendas para aprimorar a nossas habilidades e adquirir novas palavras, expressões e vocabulários. Conforme menciona Gomes,

*“A apresentação multisensorial da imagem, linguagem oral e palavras escritas simultaneamente nos filmes legendados favorece a aquisição de novos conceitos, ao mesmo tempo que fornece contexto para o uso das palavras, reforçando assim, a aquisição de novo vocabulário”.* (2006, p.32).

E com isso, as legendas proporcionam aos aprendizes um melhor desempenho no desenvolvimento da língua inglesa de forma mais adequada e de uma aquisição, que acreditamos, seja uma das aprendizagens mais completas. Por esta razão, devemos incentivar mais aos aprendizes de línguas estrangeiras, porém neste caso, aos de língua inglesa, assistirem mais conteúdos que contem legendas para alcançar o aperfeiçoamento da língua que desejam adquirir.

Em relação a variável “ler livros não científicos em inglês” junto com a habilidade “escrever bem em inglês”, a minoria dos estudantes (58.5%) contra os 13,2%, tem dificuldade em associar estas duas práticas pela a forma como o inglês é desenvolvido, que neste caso é o inglês cotidiano.

Novamente, observamos que o inglês cotidiano é o mais difícil para desenvolver por causa das expressões, gírias, vocabulário, tempos verbais, a estrutura linguística e entre outras. De acordo com

---

<sup>7</sup> Assistindo filmes com legendas é uma experiência de comunicação linguística atravessada, onde a mensagem é simultaneamente transportada por dois canais de comunicação mais comuns: a fala e a escrita. Consequentemente, os espectadores tem que praticar as habilidades de ler e ouvir simultaneamente, apoiado pela a visão e com o andamento da estória do filme.

Oliveira, “O desenvolvimento do vocabulário é essencial não apenas para falar, mas também para compreender textos falados, escritos e para escrever”. (2015, p.191).

O inglês técnico também é difícil em adquirir, mas como os estudantes tem uma gama maior na prática do inglês técnico por causa dos estudos na área médica, então o inglês cotidiano se torna o pouco mais difícil também para praticar e desenvolver. Por este motivo devemos incentivar os aprendizes que a língua inglesa não é difícil em adquirir e devemos respeitar as limitações, os sentimentos, e as motivações e as necessidades de aprendizagem da língua inglesa. De acordo com Malvessi,

“Outro ponto importante no ensino e aprendizagem de línguas está vinculado às influências externas que podem ocorrer durante o processo. Não há como afirmar que exista um método ou uma abordagem absolutamente perfeito para o ensino de LE, pois há uma individualidade em cada aluno que deve ser respeitada e considerada. A motivação dos alunos por aprender uma nova língua é um desses fatores que podem influenciar a aprendizagem”.(2013, p.16297 e 16298).

Contudo, levando em consideração e obtendo estes fatores, acreditamos que seja um ponto essencial e possivelmente estes estudantes universitários de medicina conseguem atingir os seus objetivos em relação à língua inglesa com total êxito.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo objetivou principalmente em avaliar o levantamento do perfil da proficiência da língua inglesa dos 144 estudantes universitários de uma faculdade de medicina, a Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS) e relacionou as habilidades e as suas variáveis associadas. Tendo esta intenção, avaliamos o levantamento do perfil da proficiência da língua inglesa e relacionamos as variáveis associadas, dos quais vários objetivos específicos foram correspondidos, e assim como, identificamos a condição biológica e sociodemográfica, averiguamos o estudo da língua inglesa, apuramos a utilização da língua inglesa para o estudo e lazer, e compreendemos as autodeclarações em relação à proficiência da língua inglesa entre os estudantes universitários.

De acordo com as respostas dos estudantes ao questionário, observamos que a minoria dos estudantes tem conhecimentos e experiências em relação à língua inglesa. Estes achados foram associados com algumas variáveis de acordo com o estudo, a utilização para o estudo e a proficiência da língua inglesa.

E uma das variáveis que destacaram mais foi a de estudo da língua inglesa, que apesar de que a maioria dos estudantes teve contato com a língua inglesa nos ensinamentos fundamental e médio, e terem estudado em cursos de inglês, enquanto a minoria teve experiências em morarem e terem feito intercâmbio fora do país por uma duração razoável de entre um a 48 meses, contribuindo com os conhecimentos linguísticos, adquirindo experiências e aprendendo uma cultura nova.

Outro destaque foi na variável na utilização da língua inglesa para estudo foi em relação a lerem artigos científicos e para o lazer foi ouvir músicas em inglês, relatados pelos estudantes. Entendemos que como os estudantes estudam medicina e tem uma metodologia diferenciada na aprendizagem, isso é um

fator que influência na forma de estudar enquanto ouvir músicas em inglês seria uma forma mais descontraída em ficar em contato com a língua inglesa.

Embora, o fator mais relevante destes resultados foram que a maioria dos estudantes não tem muitas experiências e conhecimentos em relação à língua inglesa, talvez pelo fato de não haver muito interesse tanto das escolas em desenvolverem mais o ensino da língua inglesa, principalmente começando desde fases iniciais e também dos estudantes por acharem o inglês desinteressante ou talvez desnecessário por não terem ainda a noção do quando é importante a língua inglesa em relação a profissão e na vida.

E provavelmente isso também pode ter afetado os estudantes, por não terem tido oportunidades de viajar, estudar ou até morar fora do país para poderem ter experiências e conhecimentos de uma cultura diferente e aprendendo a língua entre os nativos de forma mais natural. Do contrario, temos estudantes que a minoria tiveram estas experiências e acreditamos que se destacam mais em relação ao conhecimento, desenvolvimento e habilidades com a língua inglesa.

Apesar que, desde 1996, através da LDB, existia obrigatoriamente o ensino de línguas estrangeiras, porém não eram especificadas quais línguas seriam ensinadas. E por esta razão, observamos que podem ter existido um retrocesso, uma lacuna e/ou um atraso, em relação ao desenvolvimento e na aprendizagem das línguas estrangeiras, mais preciso, a língua inglesa, entre os estudantes que estão iniciando a escola e o ensino de matérias importantes como o português, a língua materna, que no qual o inglês é tão importante quanto e que pode ser desenvolvida desde inicio para obter uma aprendizagem natural.

Como podemos verificar, a globalização abre as portas para as oportunidades afora, e com isso precisamos entender que a língua inglesa está em evidencia em várias áreas profissionais e culturais, tornando-se a integração mundial. E como estes fatores relatam a necessidade da língua inglesa tanto na vida pessoal como profissional, em todas as áreas, especialmente na área de saúde, mais especificamente, a medicina e para os estudantes, o futuro médicos.

Agora em consideração a proficiência da língua inglesa dos estudantes, eles mencionaram que, falam regular, compreendem bem, leem bem e escrevem regular. De acordo com estes resultados podemos mencionar que apesar da metade dos estudantes não terem muita desenvoltura com a língua inglesa, podem ser considerados capazes de obterem conhecimentos mais afundo com a língua dando a eles uma aprendizagem mais especifica na área de medicina, para desenvolver o que eles mais necessitam.

E como já sabemos, a língua inglesa é desenvolvida e adquirida através das quatro habilidades, que são: o falar, o compreender, o ler e o escrever, e sem esta habilidades na aprendizagem se torna difícil a sua aquisição, e agora verificaremos as habilidades e as suas variáveis associadas entre os estudantes universitários de medicina.

Como observamos as habilidades do falar bem e compreender bem em inglês foram associadas com as variáveis assistir vídeos científicos em inglês e ler livros não científicos em inglês. Contudo, a habilidade do ler bem em inglês teve varias variáveis associadas, entre elas foram, ler artigos científicos em inglês,

assistir vídeos científicos em inglês, e conversar em redes sociais em inglês enquanto a habilidade de escrever bem em inglês teve as variáveis associadas a assistir filmes sem legendas em inglês e ler livros não científicos em inglês entre os estudantes.

Conforme averiguamos, as variáveis mais associadas que se destacaram foram, ler livros não científicos em inglês e assistir vídeos científicos em inglês. Com isso, verificamos que ler livros não científicos em inglês é a variável mais difícil em adquirir a língua inglesa pelo fato que é um inglês mais cotidiano e de uma linguagem mais diferenciada, conforme mencionamos antes.

E enquanto a variável assistir vídeos científicos em inglês seja a variável mais fácil em adquirir a língua inglesa pelo fato que é o inglês mais técnico, específico para a área de medicina, neste caso, e também, pela prática que os estudantes têm em relação à metodologia que é aplicada na faculdade e nos estudos que tem que ser desenvolvido durante o curso, fazendo com que os estudantes desenvolvam mais esta capacidade.

Porém, como relatamos antes, a minoria destes estudantes demonstram ter conhecimentos e habilidades na língua inglesa porque estudaram inglês na escola e em cursos e tiveram oportunidades em morar e fazer intercâmbio fora do país com uma duração bastante razoável de um a 48 meses, e também pelo fato que o curso de medicina exige um conhecimento da língua inglesa mais técnico para ser desenvolvida durante a graduação como na vida profissional, e com isso vai influenciando também na vida pessoal.

Diante disto, concluímos que a proficiência da língua inglesa entre a minoria dos estudantes foi baseada em experiências pessoais enquanto a maioria apresenta uma grande necessidade em desenvolver e aprender a língua inglesa em relação a aprimorar os conhecimentos técnicos nos estudos na área de medicina e para desempenhar melhor o papel como futuros médicos em poderem se comunicar mundialmente em inglês.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, U.F.; SASTRE, G. Aprendizagem baseada em problemas no ensino superior. 2 ed. – São Paulo : Summus, 2009;

ARAÚJO-SILVA, G.B.. A língua inglesa como imperativo da globalização. Edição N.º 185, série II Verão 2009. Acesso em: 06 de outubro de 2018. Disponível em: [https://www.apagina.pt/Download/PAGINA/SM\\_Doc/Mid\\_2/Doc\\_13507/Doc/P%C3%A1gina\\_13507.pdf](https://www.apagina.pt/Download/PAGINA/SM_Doc/Mid_2/Doc_13507/Doc/P%C3%A1gina_13507.pdf);

BRASIL. Art. 24, inc. IV da Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Acesso em: 26 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11692775/inciso-iv-do-artigo-24-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>;

\_\_\_\_\_. Art. 26§5 da Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Acesso em: 26 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11692123/paragrafo-5-artigo-26-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>;

\_\_\_\_\_. Art. 26 § 5 da Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Redação pela Média Provisória no. 746 de 2016. Acesso em: 07 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11691973/artigo-26-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>;

\_\_\_\_\_. Art. 35-A§4º da Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Acesso em: 26 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/143184458/artigo-35a-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>;

\_\_\_\_\_. Art. 35-A§4º da Lei de Diretrizes e Bases da Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017. Acesso em: 26 de setembro de 2018. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm);

\_\_\_\_\_. Art. 36, III da Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Acesso em: 07 de outubro de 2018. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96>;

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996. Acesso em: 30 de setembro de 2018. Disponível em: <https://proplan.ufersa.edu.br/wp-content/uploads/sites/7/2014/09/LEI-n%C2%B0-9.394-de-20-de-dezembro-de-1996.pdf> ;

\_\_\_\_\_. Lei Nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, entre outras providências. Disponível Ens. Tecnol. R., Londrina, v. 1, n. 2, p. 258-271, jul./dez. 2017. Página | 270. Acesso em: 05 de agosto de 2018. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13415-16-fevereiro-2017-784336-publicacaoriginal-152003-pl.html>;

BRITISH COUNCIL. Demandas de Aprendizagem de Inglês no Brasil. 1ª Edição; São Paulo: Elaborado com exclusividade para o British Council pelo Instituto de Pesquisa Data Popular, 2014. Acesso em: 29 de julho de 2015. Disponível em: [http://www.britishcouncil.org.br/sites/britishcouncil.br/files/demandas\\_de\\_aprendizagempesquisacompleta.pdf](http://www.britishcouncil.org.br/sites/britishcouncil.br/files/demandas_de_aprendizagempesquisacompleta.pdf);

BROWN, H.D. *Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy*. Third Edition. Pearson Education. New York, N.Y. U.S.A. 2007;

CAIMI, A. *Subtitling: Language Learner's Needs vs. Audiovisual Market Needs*. In; Cintas, J.D.; Anderman, G. (eds) *Audiovisual Translation*. Palgrave Macmillan, London. 2009. pp. 240-251. Acesso em: 11 de outubro de 2018. Disponível em: <https://link.springer.com/chapter/10.1057/p780230234581-18>;

ESTADÃO BLOGS - COLEGIO VITAL BRAZIL. Blogs dos Colégios. Processos de Aquisição e de Aprendizagem de Línguas Estrangeiras. Eliane Aaltonen. 2016. Acesso em: 04 de outubro de 2018, Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/blogs/vital-brazil/os-processos-de-aprendizagem-de-lingua-estrangeira/>

FREITAS, C.P.C. A Necessidade da Língua Inglesa no Mundo Globalizado. FINOM – Faculdade do Nordeste de Minas. Pós Graduação da Língua Inglesa. Projeto de Pesquisa. Acesso em: 21 de abril de 2015. Disponível em: [carlaingles.com/2013/03/10/projeto-de-pesquisa-a-necessidade-da-lingua-inglesa-no-mundo-globalizado/](http://carlaingles.com/2013/03/10/projeto-de-pesquisa-a-necessidade-da-lingua-inglesa-no-mundo-globalizado/) ;

GIL, A. C. Como classificar as pesquisas. In: GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 41-58. Acesso em: 12 de outubro de 2018. Disponível em: [https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod\\_resource/content/1/como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa\\_-\\_antonio\\_carlos\\_gil.pdf](https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf);

GOMES, F. W. B. O Uso de Filmes Legendados como Ferramenta para o Desenvolvimento da Proficiência Oral de Aprendizes de Língua Inglesa. 2006. Acesso em: 11 de outubro de 2018. Disponível em: [www.uece.br/posla/dmdocuments/franciscowellingtonborgesgomes.pdf](http://www.uece.br/posla/dmdocuments/franciscowellingtonborgesgomes.pdf);

GUTIÉRREZ, D. G. *Developing Oral Skills through Communicative and Interactive Tasks*. PROFILE 6 ( PROFILE 2005): Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Humanas, Departamento de Lenguas Extranjeras. Acesso em: 06 de outubro de 2018. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/prf/n6/n6a08.pdf>;

HOLDEN, S. O ensino da língua inglesa nos dias atuais. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2009;

HOSMER, D.W.; LEMESHOW, S.; STURDIVANT, R.X. *Applied Logistic Regression*. Third Edition. New York: John Wiley & Sons. 2013; 500 pp;

HULLEY, S. B. *Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica* / Stephen B. Hulley, Steven R. Cummings, Warren S. Browner, Deborah Grady, Norman Hearst, Thomas B. Newman; trad. Michael Schmidt Duncan e Ana Rita Peres. - 2.ed. – Porto Alegre : Artmed, 2003;

JANICE, L.M.M. Como esta a questão da cultura no ensino de língua estrangeira (inglês) frente aos parâmetros curriculares nacionais. Uberlândia, 2002. (Dissertação Mestrado) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, 2002. Acesso em: 04 de outubro de 2018. Disponível em: [www.fazu.br/biblioteca/documentos/dissertacao\\_janice.pdf](http://www.fazu.br/biblioteca/documentos/dissertacao_janice.pdf);

LENNENBERG, E. *Biological foundations of language*. Nova York: Wiley and Sons, 1967;

LIN, Lu-Fang. *Impacts of the Problem-based Learning Pedagogy on English Learners' Reading Comprehension, Strategy Use, and Active Learning Attitudes*. *Journal of Education and Training Studies*. Vol. 5, No. 6; June 2017. Acesso em: 02 de setembro de 2018. Disponível em: [/https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1141432.pdf](https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1141432.pdf) ;

MALVEZZI, K.F. O Ensino de Língua Estrangeira na Educação Básica Brasileira: Novos Caminhos. 2013. Acesso em: 15 de julho de 2018. Disponível em:  
[http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7183\\_4120.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7183_4120.pdf) ;

NICHOLLS, S.M. Aspectos pedagógicos e metodológicos do ensino de inglês. Maceió-AL.: EDUFAL, 2001;

OLIVEIRA, L.A. Aula de Inglês: do planejamento à avaliação. – 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015;

PARANÁ. Departamento de Educação Básica. Diretrizes Curriculares de Língua Estrangeira Moderna para a Educação Básica. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2008. Acesso em: 19 de maio de 2018. Disponível em:  
[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce\\_lem.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_lem.pdf);

PENFIELD, W.; ROBERTS, L. *Speech and brain mechanisms*. Princeton: Princeton University Press, 1959;

PEREIRA, A.C.S.; PERES, M. R. A Criança e a Língua Estrangeira: Contribuições Psicopedagógicas para o Processo de Ensino e Aprendizagem. Construção Psicopedagógica, São Paulo-SP, 2011, Vol. 19, n.18, pg. 38-63. Acesso em: 26 de setembro de 2018. Disponível em:  
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v19n18/06.pdf>;

PESQUISA DATA POPULAR: Brasil em Perspectiva 2013. Acesso em: 29 de julho de 2015. Disponível em: <https://www.google.com.br/#q=Pesquisa+Data+popular:Brasil+em+Perspectiva+2013> para [http://www.britishcouncil.org.br/sites/britishcouncil.br/files/demandas\\_de\\_aprendizagempesquisacompleta.pdf](http://www.britishcouncil.org.br/sites/britishcouncil.br/files/demandas_de_aprendizagempesquisacompleta.pdf);

ROCHA, D. F. A importância do inglês no Mundo. Universidade Católica de Goiás, 2001. Acesso em 04 de Fevereiro de 2015. Disponível em: <http://www2.ucg.br/flash/artigos/AImportanciaIngles.htm>. e acesso em: 29 de julho de 2018. Disponível em: <https://profbianca.wordpress.com/2011/02/15/artigo-a-importancia-do-ingles/>;

SANTOS, M.E. dos., SANTOS, M.E.M. dos. Qualificação Profissional e Aquisição de Fluência da Língua Inglesa através de Programas de Intercâmbio. 2008. Acesso em: 16 de setembro de 2018. Disponível em: [seer.upf.br/index.php/ser/article/viewFile/1767/1175](http://seer.upf.br/index.php/ser/article/viewFile/1767/1175);

SOUZA, S.C.; DOURADO, L. Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP): Um Método de Aprendizagem Inovador para o Ensino Educativo. HOLOS, Ano 31, Vol. 05. 2015. Acesso em: 08 de setembro de 2018. Disponível em:  
<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/2880/1143>;

VIEBIG, R.G.; PARDINI, F. O inglês é preciso. Arquivos de Gastroenterologia. v. 46 – no.3 – jul./set. 2009. ResearchGate. Acesso em: 08 de outubro de 2018. Disponível em:  
[www.researchgate.net/publication/250022379\\_Ingles\\_e\\_preciso](http://www.researchgate.net/publication/250022379_Ingles_e_preciso);

VILAÇA, M.L.C. *English for Specific Purposes*: Fundamentos do Ensino de Inglês para Fins Específicos. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. ISSN-1678-3182. v.9, p.1-12. 2010. Acesso em: 30 de julho de 2018. Disponível em: [www.marciovilaca.com](http://www.marciovilaca.com);

VYGOTSKY, L. S. Obras Escogidas. Tomo III. 2.ed. Madrid: Visor, 2000;

WILDGRUBE, R.; DREHER, G.M.; SOUZA, M.A.; NARDI, L.N. O Trabalho Integrado das Habilidades Linguísticas em Língua Inglesa. Revista Voz das Letras. número 10, II Semestre de 2008. Acesso em: 16 de setembro de 2018. Disponível em: [www.educadores.diaadia.pr.gov.br](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br);

YU, W.C. W. *Nursing Professionals' Evaluation in Integrating the Computers in English for Nursing Purposes (ENP) Instruction and Learning*. TOJET: The Turkish Online Journal of Educational Technology, 2013. Vol. 12, Issue 4, p 124 -139, Acesso em: 04 de junho de 2015. Disponível em: <http://tojet.net/volumes/v12i4.pdf>.